

**FACULDADES INTEGRADAS DE CIÊNCIAS HUMANAS, SAÚDE E EDUCAÇÃO
DE GUARULHOS**

GABRIELA GONÇALVES ARISPE CUELLAR

ARQUÉTIPO DA GRANDE MÃE: A RELAÇÃO DA MULHER COM A NATUREZA

GUARULHOS

2021

GABRIELA GONÇALVES ARISPE CUELLAR

ARQUÉTIPO DA GRANDE MÃE: A RELAÇÃO DA MULHER COM A NATUREZA

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos, sob orientação da Professora e Mestre Sonia Regina Giusti.

GUARULHOS

2021

*“A mãe natureza é tudo,
porque está em tudo,
porque é tudo
São as estrelas do céu, a lua, o sol, o cosmo
e tudo que há no universo.
Água, terra, fogo e ar
É tudo aquilo que sustenta a vida.
É a força pulsante em todas as coisas.
É a presa, é o predador
É o bem, é o mal
É a calma, é a tempestade
É a mãe, é o pai
É a vida, é a morte
Começo, meio e fim.
Comemos a Deusa, vestimos a Deusa,
Excretamos a Deusa no suor, nas fezes e na urina.
A Grande Mãe é a melodia que se ouve no silêncio,
É o mais doce perfume e a mais fétida secreção.
É tudo que há de mais asqueroso, horripilante belo.
Amamos e odiamos a Deusa.
Somos a Deusa”*

GABRIELA GONÇALVES ARISPE CUELLAR

ARQUÉTIPO DA GRANDE MÃE: A RELAÇÃO DA MULHER COM A NATUREZA

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos, sob orientação da Professora e Mestre Sonia Regina Giusti.

Banca Examinadora

Prof.^a Ma. Sônia Giusti

Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos.

Prof.^o Me. Marcus Vinícius de Campos França Lopes

Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos.

Prof.^a Ma. Inda Lages

Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos.

Guarulhos, 10 de dezembro de 2021.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo abordar o arquétipo da Grande Mãe, presente em diferentes mitos e culturas, e sua relação com o feminino. Buscando compreender a relação da mulher com a natureza, e as consequências do esquecimento desse arquétipo. Estudando o processo de individuação do ser, o autoconhecimento feminino e a luta ecofeminista por direito e espaço em uma sociedade patriarcal, que explora a mulher tanto quanto a natureza.

Palavras-chave: grande mãe; arquétipo; ecofeminismo; psicologia analítica.

ABSTRATIC

The present Term Paper aims to address the archetype of the Mother Goddess, existent in different myths and cultures, and its relationship with femininity. Seeking to understand the relationship between woman and nature, and the consequences of forgetting this archetype of Gaia. Studying the individualization process of the being, the feminine self-knowledge, and the ecofeminist fight for rights and space in a patriarchal society, in a world that exploits women as much as it does nature.

Keywords: great mother; archetype; ecofeminism; analytical psychology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 OBJETIVOS.....	9
2.1 OBJETIVO GERAL.....	9
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	9
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	10
3.1 O ESTUDO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	10
3.2 ARQUÉTIPOS.....	11
3.3 ARQUÉTIPOS FEMININO – GRANDE MÃE.....	12
3.4 PACHAMAMA - A GRANDE MÃE DA CULTURA ANDINA E A MÃE TERRÍVEL.....	14
3.5 CICLO DA LUA, O USO DA MANDALA LUNAR E O AUTOCONHECIMENTO FEMININO ATRAVÉS DOS ARQUÉTIPOS.....	15
3.6 PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO.....	17
3.7 ESTUDOS FEMINISTAS - O ECOFEMINISMO NO TEMPO CONTEMPORÂNEO.....	18
4 MATERIAL E MÉTODOS.....	21
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	22
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

1 INTRODUÇÃO

“Eu estou apaixonado, por uma menina terra Signo de elemento terra,

do mar se diz terra à vista Terra para o pé firmeza, terra para mão

carícia...”

Caetano Veloso

A partir de estudos acerca da Psicologia Analítica, os arquétipos femininos e o mito da Pachamama na cultura andina, surge o desejo de conhecer a relação entre a mulher e a natureza, relação que se faz muito presente em minha vida e em minhas memórias, entender como se faz essa relação que se manifesta na força da criação e geração do ser, antes mesmo do momento em que saímos do corpo de nossa mãe, a presença da natureza em nossas vidas, a Mãe Terra, em muitas culturas é tida como uma figura sagrada.

“os arquétipos quase sempre se apresentam em forma de projeções, e quando estas são inconscientes, manifestam-se nas pessoas com quem se convive subestimando ou sobre-estimando-as, provocando desentendimentos, discórdias, fanatismos e loucuras de todo o tipo” (JUNG, C.G., 1980, p. 86).

Essas memórias fizeram com que eu escolhesse este objeto de estudo, sendo parte do meu processo criativo, a Mãe Terra, as mulheres, e sua busca de autoconhecimento e individuação.

Para o poeta John Donne (1624), “Cada homem é uma parte do continente, uma parte da terra” evidenciando teorias de que há uma relação entre homem e a natureza. A pesquisa focará na experiência feminina e a relação com sua progenitora: a Mãe Terra.

O teórico Carl Gustav Jung amplia o conceito inicial de inconsciente, diferenciando-o entre inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. Sendo o inconsciente pessoal uma camada superficial do inconsciente onde encontram-se os complexos, que está sob uma camada mais profunda, denominado inconsciente coletivo por ser de uma natureza universal, contendo aspectos idênticos a todos os seres humanos, chamados de arquétipos, aspectos esses que nunca estiveram na consciência e que devem sua existência à hereditariedade (JUNG, 2000).

O conceito de “archetypus” só se aplica indiretamente às *representatios collectives*, na medida em que designar apenas aqueles conteúdos psíquicos que ainda não foram submetidos a qualquer elaboração consciente (...) Sua manifestação imediata, como a encontramos em sonhos e visões é muito mais individual, incompreensível e ingênua do que nos mitos, por exemplo. O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matrizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta (JUNG, C.G., 2000, p. 17).

Observa-se, portanto, que esses conteúdos do inconsciente “condensam experiências vividas repetidamente durante milênios, experiências típicas pelas quais passaram os seres humanos” (FRANZ, 1990 apud MENEZES, 2003, p. 11).

Essas experiências vividas de forma repetidamente ao longo dos anos, transformaram a mulher e a sua relação com a natureza (MENEZES, 2003).

Jung (1977), diz que os arquétipos são projetados através de imagens psíquicas nos sonhos, mitos e contos de fadas.

O trabalho busca trazer a relevância da relação entre o arquétipo da Grande Mãe, presente em mitos, estudar as manifestações femininas do inconsciente e o processo de individuação, resgatando essa relação feminina em uma sociedade patriarcal.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender o resgate da relação da mulher contemporânea com o arquétipo da Grande Mãe e com a natureza.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Estudar o conceito do feminino e a luta ecofeminista.
- Analisar o arquétipo da Grande Mãe como uma busca para a individuação e autoconhecimento feminino.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 O ESTUDO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Criada por Carl Gustav Jung, a psicologia analítica foi elaborada trazendo conceitos como o inconsciente, dividido em pessoal e coletivo. O primeiro “contém lembranças perdidas, reprimidas (propositalmente esquecidas), evocações dolorosas, percepções que [...] por falta de intensidade não atingiram a consciência e conteúdos que ainda não amadureceram para a consciência” (JUNG, 2012g, p. 77 apud TEODORO; SILVA; FERREIRA, 2019, p. 307). Já o inconsciente coletivo é universal, todos o possuem, seus conteúdos podem ser encontrados em todos os lugares e por qualquer indivíduo, tendo a presença de arquétipos, diferente do inconsciente pessoal. O inconsciente coletivo é o resultado de marcas ou imagens herdadas de nossos ancestrais, herança que não inclui apenas a história racial humana, e sim pré-humana também. São resquícios psíquicos deixados como traços de memórias (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000)

“O inconsciente coletivo é uma figuração do mundo, representando a um só tempo a sedimentação multimilenar da experiência. Com o correr do tempo, foram-se definindo certos traços nessa configuração. São os denominados arquétipos ou dominantes e os dominadores, os deuses, isto é, configurações das leis dominantes e dos princípios que se repetem com regularidade à medida que se sucedem as figurações, as quais são continuamente revividas pela alma (...)” (JUNG, G.C., 1980, p.86)

Os arquétipos são figuras criativas, que conversam com a intuição para a vida, modificando a forma que o ser olha o mundo, esses arquétipos ficam no inconsciente coletivo. Jung percebeu que o arquétipo se mostra no indivíduo através de imagens psíquicas específicas, sobretudo, nos sonhos, mitos, e contos de fadas (Jung, G.C., 1977). O homem antigo percebia o mundo “mitologicamente”, ou seja, experienciava o mundo a partir das imagens arquetípicas que eram formadas da sua relação com ele (Neumann, 2003).

Segundo Neumann,

“esses mitos são considerados sonhos coletivos da humanidade, presente no inconsciente coletivo de cada um. Para as sociedades primitivas os mitos eram a própria fundamentação da vida social e da cultura. Isto significa que à medida que há a evolução da consciência do homem primitivo, que se encontrava “mergulhado” nos processos inconscientes, há uma transformação e desenvolvimento do homem como um todo.” (NEUMANN, 2003).

3.2 ARQUÉTIPOS

Através de seus pacientes e suas pesquisas, Jung percebeu que além das particularidades do indivíduo, como fantasias e memórias, existia outro conteúdo, que era compreendido mundialmente. Jung (2001) chamou de arquétipos as “imagens primordiais”, que são estruturas inatas presente em cada indivíduo, para ele, os arquétipos se originam através de repetições durante muitas gerações. É importante falar que o arquétipo não é algo herdado, mas a repetição dessa experiência pode se tornar símbolos a partir das experiências pessoais conscientes ou inconscientes. Segundo Grinberg (1997), o mundo arquetípico é o “mundo invisível dos espíritos, dos deuses, demônios, vampiros, duendes, heróis, assassinos e todos os personagens de épocas passadas da humanidade sobre os quais foi depositada forte carga de afetividade” (p.134).

Esses arquétipos não são apenas conceitos para serem estudados de maneira teórica, pois ganham vida ao se manifestarem, seja através das emoções pessoais, nos sonhos, fantasias, rotina, complexos. Pois quando esse arquétipo surge em algum momento, ele traz consigo um poder de numinosidade. Esse poder faz com que o indivíduo aja como se estivesse incorporando aquele arquétipo. Segundo Jung (1986), “o arquétipo [...] tem efeito numinoso, isto é, o sujeito é impelido por ele como pelo instinto, e este pode ser limitado e até subjugado por esta força, sendo supérfluo apresentar provas para isto” (p.145).

Um arquétipo é formado a partir da repetição de uma experiência por diversas gerações. Exemplo muito utilizado trata-se do sol, segundo o qual, ao ser visto realizar seu ciclo diário por inúmeras gerações, tornou-se o arquétipo do deus-sol ao se fixar no inconsciente coletivo. Em outras palavras, arquétipo é uma maneira universal de pensamento mítico, contendo demasiados elementos emocionais. Trata-se de uma predisposição interna para conceber o mundo. Outro exemplo é o bebê, que já nasce predisposto a perceber a mãe, pois tendo todos os indivíduos uma mãe, foi formada no inconsciente uma imagem universal de mãe, que não necessariamente corresponde à mãe real. Desse modo, as experiências do bebê com a mãe real possuem maior influência sobre sua percepção dela. Entretanto, a predisposição para conceber tais imagens estará sempre presente (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000).

A ativação de um arquétipo no indivíduo pode acontecer quando o mesmo se vê em uma circunstância ou perto de uma pessoa que ilustra similaridade com o indivíduo. O autor Grinberg (1997) escreveu um exemplo da ativação do complexo:

Por exemplo, a mãe ou a pessoa que estiver cuidando de uma criança pequena ou amamentando-a tem uma conduta própria do arquétipo da Grande Mãe. Esta é a configuração da maternidade, ou seja, representa a maneira típica como as experiências da maternidade foram acumuladas na psique humana desde tempos imemoriais. Como foi dito, essa representação universal reveste-se de peculiaridades próprias da cultura, tempo e lugar em que o arquétipo se manifesta (GRINBERG, 1997, p.139).

Esses arquétipos no indivíduo podem atuar de duas maneiras, positiva e negativa. Quando ele vem de forma positiva ele se torna um caminho para a inspiração humana, seja na ciência, nas artes. Quando ele vem de maneira negativa traz o fanatismo, a possessão e a dureza. O arquétipo é a manifestação do inconsciente coletivo no indivíduo.

3.3 ARQUÉTIPOS FEMININO – GRANDE MÃE

A mulher era considerada a criadora da vida na terra, pois é filha da Grande Mãe. A grande mãe é um dos arquétipos femininos mais conhecidos, e que é abordado nesse trabalho.

Os seres humanos endeusavam o feminino como princípio primitivo da vida. Psicicamente, prevalecia uma não-separação entre o ego e o inconsciente. O ego da mulher e do homem se relacionavam com o inconsciente como com uma mãe cuja superioridade é tão grande que não há a separação entre ela e o filho, ambos são uma coisa só. Essa dependência do ego em relação ao inconsciente e do indivíduo em relação ao grupo é vivido na projeção sobre a figura da mãe como divindade que gera, nutre e protege (NEUMANN, 2000).

O Arquétipo ou a imagem primordial da “Grande Mãe” não tem apenas uma versão universal, justamente por estar presente em diversas culturas, religiões, mitologias tendo assim várias maneiras de sua interpretação. Na idade da Pedra já existiam retratações da Grande mãe, trazendo para a humanidade esse arquétipo de totalidade e proteção, pela primeira vez na história. Os primeiros sinais desse grande arquétipo feminino foram encontrados nas expressões artísticas da antiguidade. Esse arquétipo traz a ideia do feminino que cuida, zela, acolhe, sendo espelho para a feminilidade. Ao negar esse simbolismo aparece o *arquétipo da mãe terrível*.

Antes de ocorrerem os abrangentes fenômenos ligados à figura humana da Grande Mãe, verificamos o surgimento espontâneo de uma vasta gama de símbolos, que se referem à sua imagem ainda não determinada e amorfa. Tais símbolos, especialmente os da natureza em todos os seus reinos, estão de certa forma marcados pela imagem do Grande Maternal, que vive neles e lhes é idêntica, sejam eles, uma pedra, uma árvore, um lago, uma fruta ou um animal. Aos poucos elas se unem a figura da Grande Mãe como atributos e criam o círculo de aspectos simbólicos que cinge a figura arquetípica e se manifesta no rito e no mito. Esse círculo de imagens simbólicas, porém envolve não apenas uma figura, mas uma pluralidade de figuras de “Grandes Mães”, as quais a humanidade se incumbiu de difundir através dos hábitos, rituais, mitos, religiões e fábulas, sob forma de deusas e fadas, demônios femininos e ninfas ou entidades graciosas ou malévolas. Todas são manifestações de um só Grande Desconhecido que é o aspecto central do Grande Feminino. (NEUMANN, 2003).

Diferente do momento presente, onde está estabelecido o patriarcado na sociedade, Whitmot diz:

“Esta época anterior a ampliação da consciência ficou conhecida como Matriarcado e era governado pelo arquétipo da Grande Deusa ou Grande

Mãe. Ela era ao mesmo tempo mãe e filha, donzela, virgem, meretriz e bruxa. É a senhora das estrelas, a beleza da natureza, o útero gerador da terra, provedora de todas as necessidades” (WHITMONT, 1991).

Neumann fortalece a ideia de que a Grande Mãe, terra, mulher e os arquétipos são figuras sagradas. Esse arquétipo pode ser encontrado de diferentes formas em diferentes culturas, como a Deusa Íris, Virgem Maria e Gaia, sendo a personificação da mãe terra.

3.4 PACHAMAMA - A GRANDE MÃE DA CULTURA ANDINA E A MÃE TERRÍVEL

“A cultura é resultado dessas dinâmicas arquetípicas, que provêm das experiências psíquicas desses povos, e é a relação que o homem estabelece entre a consciência e o inconsciente que determina o caráter de uma fase cultural ou de toda uma cultura. Isto significa que à medida que há a evolução da consciência do homem primitivo, que se encontrava “mergulhado” nos processos inconscientes, há uma transformação e desenvolvimento do homem como um todo.” (NEUMANN, 2003).

A grande mãe na cultura dos Andes, noroeste Argentinos, Bolivianos e Peruanos é chamada de Pachamama. É uma divindade ligada a terra, nascimento de seus frutos e proteção, a figura que dá sentido à vida. No mito, Pachamama está presente em toda a totalidade da terra, tem seu significado: *pacha* como tempo e espaço, a terra e o sagrado; e *mama* é a imagem da maternidade.

Os mitos são considerados sonhos coletivos e recorrentes da humanidade. Como manifestações de conteúdos inconscientes, como os arquétipos, representam uma compreensão intuitiva do mundo, ou seja, que não passa pela racionalidade. Eles condensam experiências vividas repetidamente durante milênios, experiências típicas pelas quais passaram os seres humanos (FRANZ, 1990).

Nessa cultura a Deusa é celebrada no primeiro dia de agosto, apesar da destruição do império inca pelos espanhóis, Pachamama se tornou uma herança da

cultura, a comemoração é uma forma de resistência desse rito a mãe terra, sendo presente na arte religião e na vida. Na cultura andina esse arquétipo se enfurece ao ser ofendida, ao lhe faltarem com oferendas, punindo o povo provocando doenças.

A grande-mãe possui o lado negativo, a *mãe terrível*. Ao invés da mãe terna e carinhosa, essa mulher voluptuosa que responde aos chamados da natureza pode se tornar fria, insensível, com voracidade sexual incontrolável, traiçoeira e não confiável, como é o retrato de Eva no imaginário judaico-cristão. Na mitologia greco-romana, o aspecto negativo da grande mãe assume muitas vezes a forma de górgones aladas, monstros devoradores com cabelos de serpente e compridas línguas para fora (NEUMANN, 2003, p.169)

3.5 CICLO DA LUA, O USO DA MANDALA LUNAR E O AUTOCONHECIMENTO FEMININO ATRAVÉS DOS ARQUÉTIPOS

O símbolo espiritual predileto da esfera matriarcal é a lua, em sua correlação com a noite e com a Grande Mãe do céu noturno. A lua representa o lado iluminado da noite; pertence-lhe, é o seu fruto e sua sublimação como luz e essência de sua natureza espiritual (NEUMANN, 2003, p. 59).

Sendo a lua um dos grandes símbolos da relação natureza e grande mãe, Starhawk aborda o sagrado feminino e a celebração da Deusa:

“Nas luas cheias, um grupo de mulheres que seguem o sagrado se reúnem em praias, topos de colinas, campos abertos e até mesmo em casas comuns onde celebram a Deusa Tripla, que é do nascimento, do amor e da morte. Nesses ambientes elas fazem as suas feitiçarias, uma religião extraída de princípios da natureza e influenciada pelos movimentos das estrelas, da lua, do sol, dos pássaros e no demorado desenvolvimento das árvores e nas fases das estações” (STARHAWK, 1979).

O arquétipo da Grande Mãe pode aparecer de várias formas, como velha sábia, bruxa, donzela e feiticeira no processo de busca da verdadeira essência feminina

através da lua. A Mandala Lunar é um livro de autoconhecimento feminino, onde a busca é pela conexão do ciclo menstrual com os ciclos lunares através de mandalas ligando cada fase da lua com a Deusa Tripla representada pelos seguintes arquétipos segundo Gori:

a) “Donzela”, que é correspondente à lua Crescente e tem como significado o início, o crescimento, a juventude, as sementes na terra que se germinam, o cio dos animais, o acasalamento e a primavera. A virgem que não é fisicamente virgem, mas é mulher independente, que se basta e é autossuficiente, a cor que a determina e representa esse momento é o branco.

b) “Mãe”, corresponde a lua cheia e sua cor é a vermelha. Representa proteção, abundância, nutrição, procriação, os animais dando à luz e a amamentação, os alimentos maduros, prosperidade e a idade adulta. Essa é a fase em que a Deusa está mais acolhedora e é conhecida como a senhora da vida.

c) “Anciã” mulher sábia, já está na menopausa e não verte mais o sangue, tem como simbologia a paciência, a velhice, a sabedoria e a cor que a representa é o preto, o anoitecer e sua lua é a decrescente. Segue na figura abaixo, representando a possível visualização das três fases da Deusa que é conhecida como a Deusa Tripla ou Tríplice, representada pela simbologia da lua Tríplice constituída pela lua crescente, lua cheia e a lua decrescente (GORI, 2012).

Esses arquétipos fazem a mulher enxergar a menstruação como algo sagrado, dando mais liberdade para aceitarem seus corpos como templo, assim como nos tempos, passados resgatando no mundo contemporâneo a ideia de que a menstruação não é um fardo, não é algo sujo, mas sim uma ligação da mulher com a Grande mãe e seus arquétipos lunares que simbolizam o renascimento. Segundo Neumann, “No mundo matriarcal, a lua como simbolismo do Grande Feminino retrata o renascimento diante as mudanças de suas fases na visão do caráter de transformação do Feminino” (NEUMANN, 2003).

A importância para as mulheres celebrarem os seus ciclos menstruais, serve para um novo relacionamento com seu corpo e esquecem que um dia foi julgado como objeto ou sujo, o qual é digno de celebrações e reverências. Portanto, a menstruação simboliza a liberdade em que a mulher tem de seu próprio corpo (STARHAWK, 1979).

3.6 PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Um dos conceitos principais dos estudos de Jung é a individuação, que é um processo do desenvolvimento da personalidade humana, onde o sujeito se reconhece como ser único e diferenciado, sendo a superação dos arquétipos. Geralmente acontece depois da metanóia, sendo o momento mais intenso, é o processo de autorrealização do ser. É quando os arquétipos impulsionam os conteúdos presentes no inconsciente, para acontecer a individuação.

De uma maneira geral, pode-se dizer que a individuação é o processo de formação e particularização do ser, onde o indivíduo se torna distinto do conjunto: um processo de diferenciação para um desenvolvimento da personalidade individual. Tida como uma necessidade natural que não deve ser impedida, pois traria prejuízos - como uma deformação artificial - é algo inato do ser humano: nasce-se destinado a esse processo de individuação, primeiro física e fisiológica, posteriormente acontece a manifestação psicológica (JUNG, G.C., 1921).

Segundo Von Franz (1969), a individuação acontece através de um sofrimento que o segue e uma lesão na personalidade do ser, sendo inconsciente ou consciente. Pela sociedade valorizar a juventude, na questão social e estética, esse período da metanóia para a mulher se torna um momento onde aparecem muitas questões.

O indivíduo caminha em direção a sua individuação, através da comunicação através de sonhos, mitos, sentimentos entre o ego e self. O confronto com a sombra, a integração das polaridades feminina e masculina, o animus e a anima e o desenvolvimento do self. Para Jung “a individuação significa tornar-se um ser único, a realização melhor e mais completa das qualidades arquetípicas do ser humano, trata-se de um desenvolvimento psicológico que permita a realização das qualidades individuais que o ser possui dentro de si.” (JUNG, G.C, 2001, p. 60).

3.7 ESTUDOS FEMINISTAS - O ECOFEMINISMO NO TEMPO CONTEMPORÂNEO

“Que nenhuma mulher seja violada, e que nenhuma espécie desapareça”.

Vandana Shiva

Como uma maneira de conectar a mulher com a natureza, se tornando uno, analisa-se o ecofeminismo, que vem do feminismo, que luta por sociedades alternativas. Traçaremos os fundamentos mais importantes dessa vertente do feminismo que existe desde os anos 70, fazendo uma interconexão com a mulher e a natureza. O ecofeminismo propões que a luta feminista não deve ser separada da luta ecológica.

O feminismo teve como objetivo inicial acabar com o sexismo e a dominação dos homens sobre as mulheres. Entretanto, ao longo dos anos, novas questões foram incluídas, bem como novas relações com outras opressões foram identificadas, tornando o feminismo um movimento plural. Desta forma, o ecofeminismo emergiu originado de práticas políticas, por meio da ciência, filosofia, das artes, ONGs (organizações não governamentais) e outros (WARREN, 2000).

O ecofeminismo se faz necessário como ferramenta de autoconhecimento e objeto de estudo feminino, pois é uma luta de gênero, para a individuação e a ligação da mulher com a natureza. Muitas vezes o arquétipo da grande mãe é negligenciado, fazendo com que ele não tenha zelo pelo seu ambiente. Podemos comparar a opressão e subordinação vivida pelas mulheres com a destruição da terra, o ecofeminismo busca mudar a relação da mulher, do homem e o planeta, mostrando essa natureza feminina ativando a consciência ecológica.

Os ecofeministas vêem a dominação patriarcal de mulheres por homens como o protótipo de todas as formas de dominação e exploração: hierárquica, militarista, capitalista e industrialista. Eles mostram que a exploração da natureza, em particular, tem marchado de mãos dadas com a das mulheres, que têm sido identificadas com a natureza através dos séculos. (...) os ecofeministas vêem o conhecimento vivencial feminino como uma das fontes de uma visão ecológica da realidade (CAPRA, 1996, p.27).

Visto que o ecofeminismo denuncia a dominação patriarcal GAARD & MURPHY trazem o seguinte argumento:

“Ecofeminismo baseia-se não apenas no reconhecimento das ligações entre a exploração da natureza e a opressão das mulheres ao longo das sociedades patriarcais. Baseia-se também no reconhecimento de que essas formas de dominação estão ligadas à exploração de classe, ao racismo, ao colonialismo e ao neocolonialismo” (GAARD & MURPHY, 1998, p. 3).

A opressão do feminino, tornada universal na sociedade patriarcal, resulta na hipertrofia do masculino que tem gerado muito sofrimento e uma história de desrespeito, humilhação e abuso da mulher. Essa opressão é, seguramente, levada a cabo por homens em descompasso com sua alma. A palavra latina *anima* significa alma. Portanto, a civilização contemporânea perdeu a sintonia com sua alma, no duplo sentido de feminino e de alma. A mulher, violada, espelha a violação da Grande Mãe, ou *anima mundi*, a alma do mundo. Na perspectiva dos antigos, a Grande Mãe, a natureza, tem alma (SABINI, 2008).

O corpo feminino é explorado assim como a terra, o homem passou a ver a natureza como algo a ser dominado, da mesma forma que as terras foram invadidas por colonizadores o corpo feminino também sofre essa violação. Assim, vale ressaltar que o ecofeminismo não é somente a relação da opressão feminina e a degradação ambiental, mas abrange a denúncia de todos os tipos de opressão que o “outro” passa, seja os indígenas, quilombolas, LGBTQIA+, idosos. Por uma sociedade sem dominante e dominado, tendo como modo a conexão, o complemento de um indivíduo para com o outro, e não a dominação.

4 MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho se propõe a realizar o estudo do arquétipo da mãe terra e sua relação com o feminino. Buscando compreender essa ligação em diversos contextos.

Neste projeto será utilizado o método qualitativo, investigando os fenômenos, compreendendo e interpretando a partir dos seus significados e do contexto em que está inserido.

A pesquisa qualitativa propicia a utilização de métodos que auxiliem a uma visão mais abrangente dos problemas, pois supõe o contato direto com o objeto de análise e um enfoque diferenciado para a compreensão da realidade

Para Gonzalez-Rey,

A pesquisa qualitativa proposta por nós representa um processo permanente, dentro do qual se definem e se redefinem constantemente todas as decisões e opções metodológicas no decorrer do próprio processo de pesquisa, o qual enriquece de forma constante a representação teórica sobre o modelo teórico em desenvolvimento. (GONZALEZ-REY, 2005).

Dessa forma, o trabalho pretende usar como guia de estudo o livro “A Grande Mãe: Um estudo histórico sobre os arquétipos, simbolismos e manifestações femininas do inconsciente” de Erich Neumann, um dos alunos de Carl Jung; E às obras do próprio Jung e outros autores.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em minhas lembranças desde pequena, a ligação minha com a terra, e a forma que eu enxergo a vida fizeram com que eu escolhesse esse tema, sendo parte do meu processo criativo e de autoconhecimento como mulher. A Mãe Terra, esse arquétipo se faz presente na minha vida, surgindo o desejo de entender as mulheres, e sua busca de autoconhecimento e individuação através de Gaia e sua presença em nossas vidas. Neumann fortaleceu minha ideia de ter a Grande mãe, a mãe terra, como uma figura sagrada.

A curiosidade em outros povos e culturas me fez olhar o mito da Pachamama, a Grande mãe da cultura andina, como um objeto de estudo, trazendo celebrações da cultura e a influência do mito na cultura. Através de meus estudos pude concluir a influência do arquétipo da grande mãe com a mulher, como em seu ciclo menstrual, sendo algo tido como sagrado, e fonte de autoconhecimento feminino.

A importância para as mulheres celebrarem os seus ciclos menstruais, serve para um novo relacionamento com seu corpo e esquecem que um dia foi julgado como objeto ou sujo, o qual é digno de celebrações e reverências. Portanto, a menstruação simboliza a liberdade em que a mulher tem de seu próprio corpo (STARHAWK, 1979).

Como uma corrente forte do feminismo no mundo contemporâneo, estudar o ecofeminismo é enxergar a sociedade patriarcal como explorador da mulher e da terra, que é um símbolo feminino, tendo a perda da força feminina na sociedade e alta valorização do masculino. Precisando assim estabelecer uma conexão, uma ativação do arquétipo feminino para a compaixão perante ao cuidado da natureza, cuidar dessa mãe ferida sua terra, seus animais, suas águas e sua psique.

existem três tendências ecofeministas: a clássica, a espiritualista e a construtivista. A clássica vê no homem uma predisposição natural para a competição e a destruição, e sua obsessão pelo poder o leva a guerras suicidas, ao envenenamento e à destruição do planeta, enquanto a ética feminina de proteção dos seres vivos se opõe a essa agressão, buscando a igualdade, o pacifismo e a conservação da natureza. A espiritualista, fundamentada nos princípios religiosos de Ghandi e da Teologia da

Libertação, argumenta que o desenvolvimento tem gerado um processo de violência contra a mulher e o meio ambiente, e luta contra a dominação, o sexismo, o racismo, o elitismo e o antropocentrismo, atribuindo à mulher uma tendência protetora da natureza. A construtivista, embora não se identifique com as duas primeiras, compartilha com elas ideias antirracistas, anti-anthropocêntricas e anti-imperialistas, negando, porém, a relação da mulher com a natureza como uma característica intrínseca do sexo feminino, mas sim da responsabilidade de gênero resultante da divisão social do trabalho, da distribuição do poder e da propriedade. (ANGELIN, R, 2006)

Esse trabalho ampliou meu processo criativo, entendendo mais sobre os arquétipos e os estudos da psicologia analítica, trazendo a relevância dos arquétipos femininos e o processo de individuação do ser através de sonhos e mitos, tornando-se único e se desenvolvendo psicologicamente. Analisando a importância de resgatar o arquétipo da Grande Mãe como uma maneira de se autoconhecer como mulher como filha de Gaia, apreciando o feminino em uma sociedade que demonstra indiferença com a terra e a mulher, assim como mostra o ecofeminismo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste presente trabalho busquei resgatar a conexão da mulher com a natureza, a qual se faz presente durante muitos anos, mas foi adormecida com a força do patriarcado, onde o homem domina tanto a mulher como a natureza para atender seus caprichos. Isso fez com que ocorresse a perda da harmonia entre mulher e natureza. O processo de individuação feminina resgata essa ligação com o arquétipo da grande mãe.

Ainda existe muito a ser feito para que a mulher seja valorizada como o homem, um não vive sem o outro, o feminino e o masculino, o mundo precisa tanto da racionalidade quanto da emoção, o homem construindo, usando sua força e a mulher alcançando sua intuição, espiritualidade. As mulheres precisam resgatar esse lado, que foi esquecido, essa identidade de um ser que merece ser respeitado, pois é provedor. A grande mãe traz a natureza, herança esquecida pelo patriarcado, onde lucrar é mais bem-vindo do que ser criativo, do que ter intuição.

É inegável não admitir que as mulheres estão conquistando seus espaços aos poucos, mesmo que de maneira mais tardia. No mundo masculino as mulheres escondem suas qualidades, seus corpos, senão não são respeitadas. Por isso a importância de entender o feminino, sendo uma natureza única, tendo seus saberes. E não olhando o feminino com uma visão masculina, de desprezo, de inferioridade, mas sim de potencial. Tendo que saber conviver com os dois lados no interior de cada um.

É importante nos reconhecemos como filhos e filhas da terra buscando nossa individuação, equilibrando nossa dualidade, nosso masculino e feminino. Retomar a cultura do passado, de valorização desse arquétipo esquecido e resgatar as culturas matricentrais. É um processo longo para alcançar. A individuação é um processo difícil, mas necessário para o desenvolvimento e autoconhecimento humano, é através desses arquétipos que se chega na individuação.

REFERÊNCIAS

ANGELIN, Rosângela. “Gênero e meio ambiente: a atualidade do ecofeminismo”. 2006. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/058/58angelin.htm>>. Acesso em: 10 out 2020.

CAPRA, Fritjof. A Teia da Vida – uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

FRANZ, M.L.V. A Interpretação dos Contos de Fada. São Paulo: Paulus, 1990.

GAARD, Greta & MURPHY, D. Patrick. Ecofeminist Literary criticism: Theory, Interpretation, Pedagogy. Urbana and Chicago, University of Illinois Press, 1998.

GONZALES-REY, F. L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. Trad. Marcel Aristides Ferrada Silva. – São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GRINBERG, Paulo. Jung, o Homem Criativo. São Paulo: FTD, 1997.

HALL, S. Calvin; LINDZEY, Garden; CAMPBELL, B. John. Teorias da Personalidade. 4. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

JUNG, C.G. Tipos psicológicos. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1921.

JUNG, C.G. O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

JUNG, C.G. Símbolos da Transformação. Petrópolis: Vozes, 1986.

JUNG, C.G. O EU e O Inconsciente. VII/2, 15ª edição, Petrópolis: Vozes, 2001.

JUNG, C.G. Psicologia do Inconsciente. Petrópolis: Vozes, 1980.

NEUMANN, E. A grande mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente. São Paulo: Cultrix, 2003.

NEUMANN, E. O medo do Feminino. 8ª edição, São Paulo: Cultrix, 2000.

SABINI, Meredith. The Earth has a Soul: C.G JUNG on Nature, Technology & Modern Life. Berkeley: North Atlantic Books, 2008.

STARHAWK. A Dança Espiral: um Renascimento da Religião Antiga da Grande Deusa. Rio de Janeiro: Nova Era, 1979.

TEODORO, E.F.; SILVA, M.L.; FERREIRA, P.H.E. Arqueologia da psique: um breve esboço da teoria da personalidade à luz de Jung. **Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, jan./jun. 2019 v. 4, n. 7, 301-321. Disponível em: ><http://seer.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/18675>< . Acesso em: 24 de jun. de 2020.

WARREN, K J. Filosofia Ecofeminista: uma perspectiva ocidental sobre o que é e por que é importante. Oxford: Rowman & Littlefield, 2000.

WHITMONT, E. O retorno da Deusa. 8ª edição, São Paulo: Summus, 1991.